

DOUGLAS SANTIAGO MELO



O ENSINO DE ARTE E FOTOGRAFIA

O recurso fotográfico como um aliado no ensino de Arte para adolescentes

**GOVERNADOR VALADARES
2011**

DOUGLAS SANTIAGO MELO

O ENSINO DE ARTE E FOTOGRAFIA

O recurso fotográfico como um aliado no ensino de Arte para adolescentes

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador: Geraldo Freire Loyola

**GOVERNADOR VALADARES
2011**

Melo, Douglas Santiago,

Ensino de Arte e Fotografia: O recurso fotográfico como um aliado no ensino de Arte para adolescentes / Douglas Santiago Melo. 2011.

62 f.

Orientador: Geraldo Freire Loyola

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de especialista em Ensino de Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino I. Loyola, Geraldo Freire.
II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes
III. Ensino de Arte e Fotografia: O recurso fotográfico como um aliado no ensino de Arte para adolescentes.



Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Belas Artes
Programa de Pós-Graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes
Visuais

Monografia intitulada “*Título : subtítulo*”, de autoria de *Nome Aluno*, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes membros:

Orientador: Geraldo Freire Loyola – EBA/UFMG

Cláudia Regina dos Anjos – EBA/UFMG

Governador Valadares, 09 de novembro de 2011

DOUGLAS SANTIAGO MELO

O ENSINO DE ARTE E FOTOGRAFIA

O recurso fotográfico como um aliado no ensino de Arte para adolescentes

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador: Geraldo Freire Loyola

Orientador: Geraldo Freire Loyola – EBA/UFMG

Cláudia Regina dos Anjos – EBA/UFMG

GOVERNADOR VALADARES
2011

À minha mãe:

Maria Aparecida Santiago, pelo exemplo de persistência e apoio;

Ao meu padrasto:

Allyson da Cunha, pelos conselhos sempre pertinentes e por estar do nosso lado;

Aos meus irmãos:

Diego e Caroline, por compartilharem da minha alegria e estarem sempre por perto quando preciso;

Ao meu pai:

José de Melo Filho (*in memoriam*), pelo exemplo jamais esquecido de honestidade e busca pelo bem;

A toda a minha família, amigos verdadeiros, especialmente a Marcos Furtado pelo apoio incondicional.

AGRADECIMENTOS

Diante de mais um ciclo que se fecha em minha vida, devo agradecer pela paciência, dedicação e apoio daqueles sem os quais não teria sido possível subir esse novo degrau.

Agradeço ao meu professor orientador que, sempre foi pontual em suas observações e me guiou pelo caminho do conhecimento; aos tutores, presenciais e à distância, e aos professores do curso, que me acompanharam durante o último ano e início do atual.

Agradeço a Deus pelo instinto investigativo que me concedeu, pela disposição em seguir em frente, pela auto-estima que não me deixa desistir e por cada dia de vida que me permitiu dedicar a realizar algo tão importante para a minha trajetória.

Agradeço aos amigos que suportaram minha indisponibilidade, ao Diário do Rio Doce pela flexibilidade de horários, o que me permitiu dar prosseguimento ao curso.

"Ninguém educa a ninguém,
ninguém se educa a si mesmo, os
homens se educam entre si
mediatizados pelo mundo." Paulo
Freire.

RESUMO

O presente trabalho aborda o Ensino de Fotografia para alunos do Ensino Médio em Governador Valadares, utilizando o patrimônio cultural da cidade de forma interdisciplinar. O texto é embasado numa pesquisa bibliográfica sobre o ensino de Arte, a Fotografia e o ensino da Fotografia, direcionado ao público adolescente. Além disso, a monografia apresenta o resultado de uma pesquisa empírica, com a execução de um plano de aula, mostrando que a fotografia é um excelente recurso para se ensinar Arte.

Palavras-chave: Arte. Fotografia. Ensino.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Fachada da Igreja Presbiteriana.....	35
Figura 2 – Um <i>paraglider</i> sobrevoando a Ibituruna.....	37
Figura 3 - Vista parcial de Governador Valadares.....	39
Figura 4 - Fachada da Açucareira.....	40
Figura 5 – Maria Fumaça.....	41

SUMÁRIO

Introdução	12
1. Fotografia. Conceitos, abordagens, história.....	14
1.2. A formação de imagem.....	14
1.3. Processo evolutivo.....	16
1.4. A prática fotográfica.....	19
1.5. Fotografia: processos analógico e digital.....	21
2. Ensino de Arte.....	24
2.1. O desafio do ensino.....	24
2.2. Metodologias.....	24
2.3. Um pouco de história.....	25
2.4. A Abordagem Triangular.....	28
2.5. O ensino de Arte mediado pelo uso de tecnologias.....	29
3. A Fotografia no ensino de Arte.....	30
3.1. O adolescente e o recurso fotográfico.....	32
3.2. A prática do ensino de fotografia.....	33
3.3. Ensino de Arte e interdisciplinaridade.....	38
Conclusão.....	42
Referências.....	44
Anexos.....	46

Introdução

O Ensino de Arte é disciplina obrigatória nas escolas brasileiras desde 1996. No entanto, nota-se que poucos educadores estão preparados para trabalhar o conteúdo com os estudantes. Para auxiliar os professores nessa tarefa, no campo das Artes Visuais, a fotografia torna-se uma excelente ferramenta, pois a maioria dos alunos já mantém contato com o recurso, o que facilita ao educador fazê-los entender a fotografia como expressão artística.

O presente trabalho tem como objetivo fazer uma abordagem do Ensino de Fotografia, com enfoque artístico, para estudantes do ensino Médio da Escola Estadual Prefeito Joaquim Pedro Nascimento, usando para isso os patrimônios culturais do município de Governador Valadares.

O texto foi embasado em uma pesquisa bibliográfica realizada em livros, artigos, monografias e outros trabalhos publicados em meio impresso e digital. Além disso, uma pesquisa empírica foi realizada com o objetivo de colher informações sobre a reação dos estudantes no contato com a fotografia como forma de expressão.

O primeiro capítulo da monografia aborda a Fotografia em diversos aspectos, entre eles, os elementos necessários para a formação da imagem, a iluminação, a cor, os tipos de uso que se faz do recurso fotográfico, as diferenças entre o processo analógico e o digital e ainda, em linhas gerais, um pouco da evolução da fotografia até os dias atuais.

O segundo capítulo aborda o ensino de Arte de forma geral, discutindo sobre as dificuldades enfrentadas hoje pelos educadores e pelas instituições para que o ensino de Arte seja pleno. O texto sugere algumas metodologias, incluindo a Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa, e relembra a história do ensino de Arte no Brasil, suas principais conquistas e desafios.

Por fim, o terceiro capítulo fala sobre o ensino de Fotografia e suas possibilidades, defendendo o uso do recurso no ensino de Arte. O texto aborda a intimidade do adolescente com a câmara digital e expõe o resultado de um plano de aula em fotografia desenvolvido junto a estudantes do ensino médio de uma escola pública de Governador Valadares.

Para melhor compreensão do objeto estudado nessa monografia, foi desenvolvida, no mês de maio desse ano, uma pesquisa empírica junto a 31

estudantes do 1º ano do Ensino Médio da Escola Estadual Prefeito Joaquim Pedro Nascimento. Foram quatro aulas utilizadas. Na primeira delas, foi aplicado aos estudantes um questionário sobre o conhecimento prévio dos mesmos a respeito da fotografia e dos patrimônios culturais de Governador Valadares. Em seguida, foram passados aos alunos conhecimentos relativos ao recurso fotográfico, do ponto de vista técnico: iluminação, cor, formação da imagem, história da fotografia, entre outros (**Anexo C**). Nessa mesma aula, foram apresentadas aos estudantes fotografias artísticas profissionais dos patrimônios culturais de Minas Gerais.

A segunda aula desenvolvida junto aos estudantes foi sobre os patrimônios culturais de Governador Valadares. Os alunos conheceram os 10 patrimônios tombados da cidade e puderam contemplar fotografias dos monumentos (**Anexo D**). Ao final da aula, eles foram orientados a formar grupos de, no máximo, quatro alunos para realizarem o trabalho de campo. Cada grupo escolheu um patrimônio para fotografá-lo até a aula seguinte.

A quarta aula foi o momento de colher as fotografias dos estudantes e catalogá-las. Em casa, foi possível montar uma apresentação em *power point* com as imagens mais relevantes para apresentá-las na última aula. A apresentação foi feita com um *notebook* em mãos, e cada estudante pode dar a sua opinião sobre a fotografia dos demais colegas. Por fim, se aplicou um novo questionário para avaliar a construção de conhecimento em Fotografia.

1. Fotografia. Conceitos, abordagens, história

A maioria de nós se depara quase todos os dias com algo relacionado à fotografia. É só acessar a Internet e ela está lá, publicada nas redes sociais, como *orkut*, *facebook*, *blogs*; está nas bancas de jornal; nos *outdoors* espalhados pela cidade; e até mesmo dentro de nossas casas, em porta retratos, álbuns fotográficos, entre outros. Em contrapartida, são poucos indivíduos que possuem conhecimento sobre o processo por trás da produção de uma fotografia, sobre o percurso histórico da criação dessa ferramenta até se chegar à fotografia digital, tão prática quanto a conhecemos atualmente.

É antiga a conceituação da fotografia como forma de representação do real, pelo fato de reproduzir um recorte da realidade, conforme a mesma se apresenta no exato momento da sua captura. Por esse motivo, o recurso fotográfico foi, por muito tempo, visto como um meio apenas documental, uma forma de se registrar o presente e preservá-lo para a posteridade. O crédito dado à fotografia como reprodução fidedigna da realidade passou a ser questionado no fim do século passado, quando surgiram as primeiras formas de manipulação de imagem. “Assim, uma imagem pode criar uma ilusão, pelo menos parcial, sem ser a réplica exata de um objeto sem constituir-se num duplo desse objeto.” (AUMONT, 1999, p.101-102 apud ZANIN, 2010, p.2190).

Outro fator que desmistifica essa concepção da fotografia como criadora de um duplo da imagem real é o fato de que, para se fotografar, é necessário enquadrar os objetos, o que significa determinar o que será mostrado e o que será excluído da imagem capturada, do ponto de vista de quem fotografa. Portanto, existe um processo de seleção que vai determinar qual parte da realidade será registrada. As escolhas são feitas a partir de “enquadramento, recortes, ajustes focais, iluminação, cenografia, entre outros detalhes” (ZANIN, 2010, p.2184), baseadas ainda em critérios subjetivos e abstratos.

1.2 A formação de imagem

A visão humana e a fotografia possuem semelhanças e diferenças, determinadas por particularidades técnicas de cada uma delas. Ambas

dependem da luz para conseguirem formar a imagem, que é o seu produto; por isso, a variação da luz, na sua cor, intensidade e direção, são determinantes para se entender as imagens formadas pelos dois sistemas.

Diferente da fotografia, a visão trabalha com imagens em movimento contínuo, num campo visual, descrito por COELHO (2009), como “sem bordas ou fronteiras definidas” (p. 21). Portanto, é possível visualizar o ambiente quase que em sua totalidade, mas com algumas limitações do sistema visual humano. Ainda assim, a visão é bem menos limitadora que a fotografia, pois a segunda capta os objetos num enquadramento restrito. O espaço a ser preenchido pela imagem, na maioria das câmaras, é retangular. A imagem captada por elas é estática, e representa uma escolha do fotógrafo sobre o que ele quer mostrar, e, como afirma COELHO (2009), “daquilo que ele deseja excluir” (p. 21).

Uma semelhança entre a visão e a fotografia é a forma como ocorre a formação da imagem dentro de cada sistema. Tanto o olho quanto as câmaras fotográficas possuem lentes que captam a imagem real e a transforma em imagem representada. Em ambos os sistemas, termos como foco, nitidez e distância focal estão presentes e são igualmente importantes. No caso da câmara, a imagem é refletida numa superfície sensível (eletrônica ou de base química), que grava o sinal recebido. Na visão, a superfície sensível é a retina, que transforma, de acordo com COELHO (2009), os “estímulos visuais em sinais nervosos, que são, por sua vez, enviados ao nosso cérebro” (p. 19).

Outra comparação possível entre visão e fotografia é que a primeira consegue trabalhar com informações visuais tridimensionais, enquanto a fotografia transforma a tridimensionalidade do ambiente em uma representação bidimensional. Ainda assim, o olho humano, ao visualizar uma fotografia, consegue, através de signos gráficos (linhas, formas e cores), entender que a imagem é a representação de um espaço tridimensional. O cérebro consegue posicionar os elementos numa disposição tridimensional, como no ambiente real.

Cabe dizer ainda que, na fotografia, é possível a utilização de um maior número de lentes para a captação de imagens que no sistema ocular. Mas a visão humana também conta com seus aparatos técnicos externos para a produção de imagens, alguns deles inclusive utilizados pela medicina para

corrigir problemas na visão, como óculos e lentes. Binóculos, telescópios e microscópios também podem ser considerados a extensão de visão humana.

1.3 Processo evolutivo

O recurso fotográfico, tal qual o conhecemos atualmente, está longe de se assemelhar, em praticidade, aos primórdios da invenção dessa ferramenta. Desde 1604, quando o italiano Angelo Sala (1576-1637) descobriu que um composto de prata se escurecia pela exposição ao sol, até a invenção da fotografia digital, no final do segundo milênio, passaram-se cerca de 400 anos. Angelo Sala era químico e médico, e realizava experimentos com prata, o que possibilitou a sua contribuição para a fotografia.

A descoberta da imagem fotográfica e sua impressão em papel foi um processo demorado, pois necessitava de conhecimentos científicos nas áreas de química e física. Várias experiências foram desenvolvidas simultaneamente em todo o mundo, inclusive no Brasil.

A primeira máquina de imagem surgiu na renascença, a câmara escura, uma caixa capaz de vedar totalmente a passagem da luz externa, que deixava fechos de luz entrar por um pequeno orifício feito manualmente. Como consequência, a imagem em frente a esse orifício era projetada no interior da caixa, permitindo a reprodução do ambiente real. Entretanto, a imagem formada pelo sistema era invertida, devido à refração da luz acontecer em linha reta. Esses fatores levaram, ainda nessa época, ao surgimento de espelhos e lentes, com o objetivo de inverter e focalizar melhor a imagem, respectivamente.

Na Renascença, com a descoberta da câmara escura, artistas passaram a utilizar o recurso para a criação de suas obras. De acordo com SILVA (2010),

A câmara escura é considerada a primeira máquina de imagens e facilitava a composição do desenho ou pintura [...], mas ainda era a mão do homem que reproduzia o desenho (p.10).

Somente na década de 1830 surge a fotografia, que assumiria, como afirmou COELHO (2009), o *status* de “pintura do sol, um lápis na mão da natureza” (p.22).

O grande desafio da fotografia foi a criação de um material fotossensível, que conseguisse registrar as imagens projetadas no interior da caixa. Várias experiências se desenrolaram e diversos materiais foram testados. De acordo com COELHO (2009), merecem destaque os trabalhos de Willian Henry Fox Talbot (1800-1877), Luis Jacques Mande Daguerre (1787-1851) e Joseph Nicéphore Niépce (1765-1833). Talbot foi o responsável por criar a possibilidade de reproduzir as imagens a partir de uma matriz, em 1839. Niépce, por sua vez, em 1826, utilizou uma placa com betume de Judéia dentro de uma câmara escura e fixou pela primeira vez uma imagem formada pela ação da luz. Daguerre foi o cientista que conseguiu a maior definição de imagens gravadas pela luz. Em 1837, ele criou o daquerrótipo, “que consiste numa placa de cobre extremamente polida, sobre cuja superfície a imagem é produzida pela formação de um amálgama de prata e mercúrio” (COELHO, 2009, p.23).

O conceito de negativo surge em 1841, quando Talbot anunciou que havia conseguido registrar imagens com a câmara escura em um papel sensibilizado. As áreas escuras correspondiam às áreas claras da imagem real e vice-versa. Talbot então projetava o negativo sobre outra folha de papel sensibilizado e expunha a montagem ao sol, resultando na imagem em positivo. O invento ficou conhecido como calótipo.

No Brasil, em 1833, Hércules Florence, também desenvolvia experiências com papel sensibilizado, sendo o primeiro a empregar o termo *fotografia*, como afirmou COELHO (2009). A superfície era sensibilizada com nitrato de prata e a imagem era fixada com compostos ricos em amônia, como a urina.

Outro grande passo no desenvolvimento da fotografia veio em 1878, com a criação das primeiras chapas de vidro fotossensíveis, que utilizavam brometo de prata emulsionado em gelatina. Com isso, não era necessária a imediata revelação dos negativos. Pouco tempo depois, foi criado o filme flexível, com o lançamento da primeira câmara Kodak, por George Eastman, em 1888.

Logo os fotógrafos começaram a tirar proveito da simplicidade dos novos equipamentos, que poderiam ser operados sem o uso do tripé e eram capazes de registrar imagens em tempos

curtos de exposição. Isso contribui para descolar de vez as câmaras dos estúdios para as ruas. (COELHO, 2009, p.25).

É nessa época que as câmeras começam a ser usadas para registro da vida social das pessoas. Mas a tecnologia fotográfica ainda era inacessível para a grande maioria da população. Paralelamente a isso, uma polêmica surgiu com relação à utilização da fotografia em detrimento às obras de arte.

Desde o princípio as obras de arte podiam ser reproduzidas pelas mãos do homem, mas a partir de processos de reprodução técnica, como o fotográfico, o processo de reprodução de imagens foi acelerado de forma extraordinária (SILVA, 2010, p.11).

O surgimento dos processos de impressão gráfica, no século XIX, também corroborou para que a fotografia se popularizasse mais rápido, pois, a partir de então, uma imagem podia ser reproduzida inúmeras vezes, sendo, portanto, utilizadas para ilustrar os mais diversos assuntos.

No fim do século XIX, chegavam ao mercado os filmes no formato 35 mm, que garantiam a praticidade, agilidade e qualidade do processo. O filme é relativamente pequeno em relação aos formatos anteriores, contendo uma emulsão fotossensível. Quando esgotada a quantidade de exposições possíveis – normalmente 36 poses -, o rolo era totalmente inserido para dentro de sua embalagem protetora, para que a luz não mais o atingisse até que fosse levado para a revelação.

As últimas grandes transformações na fotografia aconteceram no século XX. Em 1935, chegaram ao mercado os filmes coloridos, e, posteriormente, em 1970, as máquinas passaram a sair de fábrica com vários sistemas automatizados, como focalização, disparo do *flash* integrado e tempo automático de exposição. Na década de 1980, houve uma popularização da revelação em cores com o processo C41¹. Na década de 1990, todo o processo passou a ser feito em apenas uma hora, devido ao surgimento das máquinas de revelação que aceleravam a reação dos produtos químicos.

Foi por volta de 1990 que surgiram as câmaras com sensores eletrônicos para captação de imagens. Também se iniciava a possibilidade de manipulação de imagens, ou seja, de alterar as fotos, manipulando dados

¹ O processo consistia na revelação dos negativos da Kodak através de compostos químicos mais ágeis, que garantia a entrega das fotos em 24 horas.

numéricos relativos a cor, profundidade, utilizando para isso o computador. A fotografia digital, então, se popularizou de forma rápida no terceiro milênio, devido, principalmente ao desenvolvimento tecnológico e à facilidade em se ter uma câmara. COELHO (2009) afirma que nessa época começaram a aparecer os equipamentos portáteis com dispositivos de conexão com outras mídias, sendo a maioria deles integrada ao computador, o que permite a edição e manipulação das imagens.

1.4 A prática fotográfica

Não é possível garantir totalmente que o resultado de uma fotografia seja o pretendido, mas conhecer os fatores que influenciam no resultado de uma imagem capturada é, antes de tudo, uma forma de prevenir-se de resultados indesejados e evitar alguns desgastes por motivos de ordem técnica.

A iluminação é um desses fatores. Segundo COELHO (2009), ela permite ao fotógrafo “ver o objeto, focalizar a imagem e gravá-la na superfície fotossensível; [...] transmitir informações sobre o objeto, [...] conferir um caráter próprio à imagem, sugerindo qualidades abstratas” (p.26). O fotógrafo precisa levar em consideração três aspectos sobre a luz: a sua intensidade, cor e direção.

As fontes de luz podem ser naturais ou artificiais. No primeiro caso, o maior representante é a luz do sol, seguido pela luz da lua. Se a luz incidir diretamente sobre o objeto, a imagem terá alto contraste, com detalhes de relevo e textura; se a luz for indireta, o contraste é pequeno e aparecem mais os detalhes, como marcas de expressões e imperfeições. COELHO (2009) divide a incidência de luz entre pontual [direta] e difusa [indireta]. Quando maior for a quantidade de fontes de luz que se tem durante a captura de uma imagem, maiores serão os detalhes dos objetos fotografados.

Entre as fontes de luz artificiais encontramos, principalmente, as lâmpadas incandescentes, as fluorescentes, as de vapor de mercúrio, as de vapor de sódio e o *flash*. A cor da luz varia em cada uma delas, assim como varia a cor da luz do sol ao longo do dia.

Por padrão, imagens iluminadas com fonte luminosa pontual, do sol ao meio dia e à sombra, por exemplo, produzem uma imagem tendendo a cor branca. Já ao crepúsculo, produzem imagens avermelhadas. De forma análoga, cada fonte luminosa produz um padrão cromático distinto. Um bom fotógrafo sabe distinguir quais são essas tendências de aberrações antes mesmo do registro. (MARTINS, 2007, p.6)

Sobre a direção da luz, a luz lateral produz imagens mais detalhadas, a superior projeta sombras na parte abaixo do relevo dos objetos e a luz frontal produz sombras pouco naturais. Se a foto for feita contraluz, captará apenas a silhueta escura do objeto.

COELHO (2009) considera três usos da fotografia: o uso doméstico (ou documental), o uso profissional e o uso artístico. Como visto anteriormente, o uso documental é o mais comum, pela crença da imagem fotográfica como representação do real. A fotografia doméstica registra as festas, o encontro em família, o passeio ao zoológico, a viagem turística, entre outros, tendo como pressuposto a influência mínima do fotógrafo no resultado da imagem.

O uso profissional encontra-se em quase todos os setores de trabalho. Em alguns deles, como nos radares, já nem é necessária a presença do homem para acionar o diafragma da câmara. O jornalismo foi um dos pioneiros a utilizar a fotografia a seu serviço. Atualmente, a engenharia a utiliza para fazer medições, os sistemas meteorológicos para fazer previsões, e assim por diante.

Por fim, o último uso da fotografia, e objeto desse texto, é o uso artístico. Nesse ponto, a fotografia é encarada como forma de expressão, pois há intenções criativas por trás da imagem fotográfica, baseadas em referências culturais do sujeito-fotógrafo e na forma como ele assimila e expressa a realidade.

Para criar uma imagem que expresse a sua vontade, o fotógrafo utiliza o conhecimento das técnicas fotográficas, esperando o momento certo de fotografar, a iluminação adequada à sensação que ele quer produzir no espectador, o ângulo com maior significância estética, os objetos que serão enquadrados e os que serão excluídos da foto de acordo com as intenções expressivas, a velocidade com que o obturador irá operar, o tamanho da abertura do diafragma, entre outras variáveis. Uma fotografia capturada à noite, com certeza, vai criar no espectador uma sensação diferente do que uma

fotografia tirada sob o sol do meio-dia; assim como há diferença de sensações ao se admirar uma fotografia capturada com o tempo nublado ou uma imagem registrada sob o céu aberto. Em alguns casos, é necessário esperar até que todos os elementos estejam presentes no mesmo local e ao mesmo tempo.

O reconhecimento da fotografia como expressão artística enfrentou grande oposição no passado, pois alguns artistas consideravam praticamente nula a participação do fotógrafo no processo. Como afirma COELHO (2009), “travou-se uma grande disputa ideológica entre fotógrafos e outros artistas para que fosse reconhecido seu potencial artístico.” (p.38). O pictorialismo do século XIX foi o primeiro movimento a utilizar a fotografia como expressão artística. O movimento se deu principalmente na França, Inglaterra e Estados Unidos, a partir da década de 1890.

[...] os fotógrafos [...] ambicionavam produzir aquilo que consideravam como fotografia artística, capaz de conferir aos seus praticantes o mesmo prestígio e respeito grangeado pelos praticantes dos processos artísticos convencionais.²

1.5 Fotografia: processos analógico e digital

Vivemos na era digital. A praticidade proporcionada pela tecnologia atual revolucionou a forma com que o homem cria e mantém suas relações com o outro e consigo mesmo. A criação da fotografia digital é dessas invenções que revolucionaram a forma com que o homem se relaciona com o meio imagético em que vive. Se na época da câmara analógica, especificamente no fim do século passado, a produção fotográfica cresceu acentuadamente – chegando ao consumo de dois bilhões de rolos de filmes por ano - na atualidade, essa produção é impossível de ser mensurada. Em contrapartida, já não há grande preocupação com a revelação das fotos, que na maioria das vezes, ficam armazenadas em computadores pessoais, discos rígidos ou qualquer outro dispositivo de armazenamento digital.

²

(Disponível

em:

<

http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=3890>. Acesso em: 30 de maio de 2011.)

A fotografia digital, ao invés de utilizar o filme químico para captar a imagem, utiliza um ou mais sensores de captação de imagens do tipo CCD (*Charged Coupled Device*) ou CMOS (*Complementary Metal Oxide Semiconductor*).

No caso do CCD, cada célula forma um ponto (*pixel*) sensibilizado analogicamente, cujo valor é mensurado e convertido para sinal digital. A imagem final é composta, portanto, pelo conjunto desses valores e de outros atributos extras necessários à formação do arquivo. Já o CMOS é composto por vários transistores para cada *pixel* que amplificam e movem a carga por fios condutores. Como o sinal já é digital, dispensa a conversão e, com efeito, permite captações mais rápidas (MARTINS, 2007, p.12).

A fotografia digital é prática, pois permite a imediata visualização da imagem capturada e a sua conseqüente edição, exclusão ou propagação via meio eletrônico. Isso elimina, por exemplo, as antigas falhas do processo analógico de revelação, como das fotografias que voltavam “queimadas” da reveladora, ou seja, aquelas nas quais a exposição do filme à luz foi maior do que o necessário para a captura da imagem.

Foi também com o advento da fotografia digital que as câmaras foram ficando menores e sendo posteriormente integradas aos diversos aparelhos portáteis, permitindo ao fotógrafo ter em mãos, quase que imediatamente, o recurso necessário para a produção de uma imagem. Com a imagem digital, o uso da ferramenta ficou mais acessível, se popularizando entre pessoas de praticamente todas as idades e classes sociais. COELHO (2009) considera algumas vantagens da fotografia digital sobre a fotografia de base química, como a “facilidade de captura e armazenamento das imagens, bem como sua distribuição [...] facilidade de manipulação e uso das fotos em meio eletrônico” (p.35). Para o autor, “o grande volume da produção fotográfica atual exige que se desenvolvam novas maneiras de armazenamento e apresentação” (p.37).

As inovações, sejam de ordem comportamental ou tecnológica, em diversos períodos da história foram quase sempre acompanhadas de movimentos contrários à sua disseminação. Assim ocorreu com o surgimento da fotografia, em detrimento à arte existente; da fotografia colorida em detrimento à foto em preto e branco; e por fim, da fotografia digital, em detrimento à analógica, como nos explica MARTINS (2007):

Fotógrafos mais conservadores ainda defendem a qualidade da fotografia convencional como superior [...] Na verdade, se levarmos em conta uma mesma resolução e óptica, a fotografia digital (1:4000 = 12 pontos de f) possui uma faixa dinâmica bem maior do que a convencional (1:32 = 5 pontos f) [...]. Essa vantagem para o digital permite captações com detalhamento mais fino, com sombras bem mais suaves e menos contrastadas, capazes de mostrar detalhes antes ocultados pela fotografia em cores tradicional. (p.13).

O preço acessível das câmaras fotográficas digitais, a facilidade de manipular o equipamento, a possibilidade de se trabalhar sem a produção de resíduos ou a degradação do ambiente escolar são alguns dos fatores que fazem do recurso da fotografia digital uma excelente ferramenta para se trabalhar no ensino de Arte, do ponto de vista técnico. Na busca por conhecimentos estéticos, a fotografia auxilia os estudantes a explorarem novos olhares e abordagens sobre os objetos artísticos. Os professores devem apresentar e discutir com os alunos essas possibilidades e conceitos.

Auxiliar os estudantes na busca por essa produção artística através da fotografia é um dos papéis do educador em Arte e que será abordado mais especificamente no capítulo 3 dessa monografia. Além disso, o texto do capítulo 2 vai discutir de forma aprofundada o ensino de Arte mediado por conceitos e tecnologias contemporâneos.

2 - Ensino de Arte

2.1 O desafio do ensino

O Ensino de Arte no Brasil, embora tenha avançado significativamente, principalmente no último século, ainda é deficiente, e na maioria das vezes, está atrelado à idéia de Arte apenas como entretenimento, diversão ou descanso da mente. O espaço dedicado à disciplina de Arte nas escolas ainda é mínimo e o corpo docente nem sempre está preparado para lidar com a disciplina. Grande parte dos estudantes e mesmo alguns educadores entram em sala de aula sem entender o real papel do ensino de Arte, encarando-o como distração e descanso, quando na verdade trata-se de uma área de conhecimento autônoma, que auxilia no desenvolvimento do indivíduo.

Em muitas escolas o ensino de Arte ainda está relacionado à experiências engessadas, que não agregam estímulos na construção de conhecimentos e os exercícios artísticos se resumem na repetição ou releitura de obras de arte sem nenhuma contextualização. O aluno normalmente é avaliado pela capacidade de seguir as técnicas ensinadas, que são, muitas vezes, padronizadas. Não é raro o ensino de Arte ainda ser confundido simplesmente com desenhos para serem coloridos, concursos de decoração de murais da escola, confecção de mosaicos; que não proporcionam aos alunos a possibilidade de explorar movimentos artísticos ou experiências estéticas significantes. O foco é apenas a produção artística, em detrimento da pesquisa e da contextualização.

2.2 Metodologias

O ensino de Arte vai além do mero entretenimento e pode, com o uso de critérios adequados, proporcionar ao aluno um novo modo de apreciação estética e de construção de conhecimento na área.

O processo de ensino e aprendizado em Arte é fruto de vários sujeitos em movimento. É na prática que surgem as reflexões necessárias para se

chegar a um resultado, não havendo, portanto, um modelo pronto e acabado para ser seguido, e que assegure os resultados, como existe em outras ciências, como as biológicas ou matemáticas.

No ensino de Arte, deve ser pensada também a subjetividade do aluno, o jeito próprio que cada um tem para se expressar. Cada estudante, professor ou artista tem um arcabouço cultural e teórico diferente, que dialoga e, por vezes, se une ao de outros sujeitos no processo. PIMENTEL (2006) chamou esse diálogo de construção cultural:

Arte não é inerente ao ser humano: é construção cultural, ensina-se e aprende-se de maneiras várias, desdobra-se em expressão e instigação, desconstrói-se e constrói-se ininterruptamente, alça vôos e faz pousos constantemente (p.4).

Portanto, as metodologias a serem usadas pelo educador em Arte, mesmo depois da pesquisa prévia, nunca estão prontas, pois são construídas também durante o processo.

As possibilidades são muitas e refletem a pluralidade de caminhos para se trabalhar com um objeto tão complexo como o ser humano. Apesar do educador já ter um plano de trabalho ao entrar em sala de aula, deve trabalhar numa perspectiva de construção do conhecimento: tendo em mente que o conhecimento é construído no dia a dia do trabalho com os estudantes. Portanto, o professor também se torna um aprendiz ao lidar com a construção de conhecimentos, de aprender e criar novas possibilidades a partir da proposta inicial.

2.3 Um pouco de história

Durante muito tempo, o ensino de Arte no Brasil adotou modelos estrangeiros para sua efetivação. Nos primórdios da colonização do Brasil, em 1549, encontra-se o primeiro sistema de ensino instituído no país, o dos Jesuítas. Tratavam-se de padres da Igreja Católica vindos para o Brasil para catequizar os colonos na esperança de deter o avanço do protestantismo no mundo. Na época, segundo GOUTHIER (2009), havia uma supervalorização dos estudos retóricos e literários, em detrimento do trabalho.

Longe do ensino formal, que priorizava a elite, havia os processos educativos no cotidiano dos grupos, como nas oficinas dos artesãos [...] “escolas de artifícios”, e também nos quilombos. (p. 11).

No final do século XIX, ocorreu a implantação do ensino de Arte no nível superior, seguido de seu ensino nos níveis primário e secundário, influenciados também pela instauração da República. Segundo GOUTHIER (2009), nessa época, “o ensino do desenho na educação popular [...] chegou a ser a disciplina mais importante nas escolas primárias e secundárias” (p.13).

A chegada do século XX assiste ainda a um incentivo ao ensino do desenho como um importante meio para a formação do indivíduo. Na década de 1920 essa tendência continua, mas o foco passou a ser especialmente as crianças, tendo em consideração que o desenho reflete o estado psicológico do indivíduo. Ainda nessa década a divisão do conhecimento em disciplinas ganha força, assim como a elaboração dos currículos e programas de ensino.

A reforma que tem sido considerada a mais revolucionária e sofisticada das promovidas nos anos 1920 foi no Rio de Janeiro, antigo Distrito Federal (DF), em 1927 [...] a reforma do DF enfatizou as tarefas sociais do sistema escolar e sugeriu os meios para o seu cumprimento. (GOUTHIER, 2009. p.14).

É ainda na década de 1920 que acontece no Brasil a Semana de Arte Moderna, que contou com a participação de escritores, artistas plásticos, arquitetos e músicos. O movimento pretendia renovar o ambiente artístico e cultural de São Paulo, mostrando o que havia em termos de escultura, arquitetura, música e literatura no Brasil. A intenção ainda era renovar a arte nacional.

Apesar de focar a arte e não exatamente o ensino de Arte, a Semana de Arte Moderna influenciou profundamente o ensino brasileiro. Segundo GOUTHIER (2009), alguns dos artistas participantes do evento trazem contribuições importantes nessa perspectiva. Mário de Andrade, por exemplo, “investe no aprofundamento do estudo da arte na criança” (p.14).

Mesmo com essas contribuições o ensino da disciplina, porém, ainda estava atrelado a suporte para desenvolvimento de atividades de outras áreas do conhecimento.

Em 1930, Getúlio Vargas assume o poder, e logo em seguida o país assiste à estagnação da educação brasileira, principalmente com relação à arte-educação. Dessa época, um dos nomes mais marcantes é Lúcio Costa, que propôs um programa para reformular o ensino de Desenho no curso secundário. Conforme assinalou GOUTHIER (2009), na época, COSTA apontou duas dificuldades para o ensino do desenho no curso secundário. A primeira é sobre a má instrução dos educadores para o ensino das técnicas e a necessidade da mínima intervenção dos mesmos no processo; a segunda é sobre a natureza dupla do ensino do desenho, que por um lado desperta nos adolescentes habilidades práticas de observação e precisão, mas que também explora a imaginação e a expressão.

Passada a era Vargas, surge no país, em 1948, as escolinhas de Arte, que se multiplicaram, influenciando o ensino de Arte nas escolas oficiais. Na década seguinte, sob a influência americana, novos materiais didáticos chegam às escolas na tentativa de padronizar o ensino no país. Segundo GOUTHIER (2009), “desejava-se um currículo que contribuísse para a coesão social, que formasse o cidadão [...] que atendesse às necessidades da ordem industrial emergente” (p. 17).

No final daquela década, a cópia de modelos internacionais voltou a ser contestada. A intenção era que o currículo escolar fosse adaptado à realidade brasileira (social, cultural, econômica etc). O movimento ganhou força entre os anos de 1958 e 1963, principalmente quando o país assistiu à adoção da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em 1961. “A educação popular passa a ser entendida como a necessidade de [...] incluir os excluídos num processo não só educativo” (GOUTHIER, 2009, p.17). A maioria dos movimentos surgidos naquela época adotavam em seus discursos a necessidade do acesso popular à cultura e a arte.

Depois de um momento de grande efervescência na arte, veio o golpe militar de 1964, trazendo para o ensino uma tendência que GOUTHIER (2009) chama de tecnicista, ou seja, que valoriza a profissionalização. É criação desse período a disciplina de Educação Artística, instituída pela LDB n. 5692/71. Não demorou muito para serem criados os cursos para formar professores de Educação Artística. Mas o ensino de Arte continuava muito mais atrelado ao lazer que ao conhecimento.

Em 1985, passada a ditadura, o governo de José Sarney lança o documento Educação para Todos, que visa universalizar o acesso à educação. O ensino de Arte assiste ao surgimento de movimentos reivindicatórios pela melhoria na qualidade da educação oferecida. Acontecem nessa época dois ganhos para o ensino no sentido legal: a constituição de 1988 obriga o estado a garantir a educação a todo e qualquer cidadão e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), nº 9394 de 1996, estipula um novo conceito de educação que inclui

os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos Movimentos Sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.³

A LDBN substitui a disciplina de Educação Artística pela disciplina de Arte e obriga as escolas a incluírem o novo conteúdo no currículo escolar.

2.4 A Abordagem Triangular

Na década de 1980, a pesquisadora em arte Ana Mae Barbosa, baseada em suas reflexões sobre três abordagens epistemológicas diferentes (as *Escuelas al Aire Libre*, mexicanas; o *critical studies*, inglês; o *Discipline Based Art Education* [DBAE], americano, sugeriu um novo caminho para o ensino de Arte: a Abordagem Triangular. Para Barbosa, o ensino de Arte deve ser pautado em três ações: fazer, contextualizar e apreciar obras de arte. Dessa forma, o estudante consegue ao mesmo tempo adquirir conhecimentos sobre o processo histórico que envolve as obras de arte estudadas, aprende a apreciar esteticamente os objetos artísticos e, por fim, consegue fruir a imaginação e expressar-se com a criação de novos objetos. Como assinala GOUTHIER (2009), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN/Arte) criados em 1998 foram claramente baseados na Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa.

Apesar de estar baseada nos movimentos que a influenciaram, a Abordagem Triangular se difere dos mesmos por não ser um modelo fechado de metodologia e ao mesmo tempo não se basear simplesmente na fruição

³ Artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases Nacional de 1996 apud GOUTHIER, p.19, 2009.

artística como forma de ensinar/aprender arte. Conforme defendeu RIZZI (2008), a Abordagem Triangular permite ao educador em Arte criar suas metodologias sem se preocupar com a divisão do conhecimento em disciplinas fechadas, podendo ir e vir no processo de ensino e ainda modificá-lo à medida da necessidade. “A divisão do conhecimento em disciplinas [...] é uma organização que torna impossível o conhecimento do conhecimento” (RIZZI, 2008, p.342).

Portanto, conhecer e utilizar a Abordagem Triangular no ensino de Arte é o mesmo que ter um parâmetro geral do que é necessário se ensinar e aprender em Arte para que então possa se elaborar metodologias próprias.

2.5 O ensino de Arte mediado pelo uso de tecnologias

A tecnologia está presente no dia a dia dos alunos e, de acordo com LOYOLA (2011), é importante buscar experiências que “reflitam a natureza e estética próprias do aluno, que reflitam sua cultura” (p.3). Embora os livros ainda sejam um meio eficaz de trabalhar um conteúdo no ensino, a internet, com os diversos *sites* de informações, fotografias, vídeos e outras vertentes, é hoje uma das formas mais fáceis de despertar o interesse dos estudantes, uma vez que os mesmos estão vivendo intensamente essa fase tecnológica, impulsionada pela música e pelas produções audiovisuais.

Portanto, com as técnicas que grande parte dos alunos já possui, o professor pode direcionar esse conhecimento operacional em busca de um conhecimento em Arte. Também sobre o ensino de Arte mediado pelo uso de tecnologias, PIMENTEL (2009) escreve que é necessário ao educador “usar tecnologias contemporâneas para o ensino de Arte, quer seja na produção artística, quer seja como suporte para a construção de novos conhecimentos” (p.32).

3. A Fotografia no ensino de Arte

A praticidade proporcionada pela tecnologia atual tornou extremamente simples o ato de fotografar. Em alguns casos, basta enquadrar o objeto e apertar um único botão. Assim, na maioria das vezes, as intenções de quem fotografa são subestimadas. A facilidade na captura de uma imagem faz com que muitas pessoas privilegiem muito mais a quantidade de material capturado do que a sua qualidade.

Neste trabalho, a abordagem da fotografia no ensino de Arte busca fazer reflexões para auxiliar os estudantes na produção fotográfica, fazendo-os, à luz da Abordagem Triangular, contemplar trabalhos produzidos por outros fotógrafos, contextualizar a fotografia e ainda produzir novos trabalhos. Segundo ALVES (2008),

[...] o desafio passa a ser auxiliar alunos e alunas a perceberem que a imagem fotográfica é obra pensada e elaborada pelo fotógrafo ou artista, que a compõe a partir de suas referências pessoais, profissionais, sociais e culturais, em um processo muito mais amplo do que a mera operação técnica do aparelho (p.3).

Como visto anteriormente, COELHO (2008) indicou três usos para a fotografia: o uso doméstico, o uso profissional e o uso artístico. O último é o foco do ensino da Fotografia nas escolas. É fundamental que o educador possibilite aos estudantes o uso da câmera, buscando, no enquadramento do visor, elementos que mostrem suas intenções subjetivas.

Para desempenhar o seu papel, o educador precisa ter conhecimento sobre a ferramenta com a qual pretende trabalhar. SILVA (2010) também defende que o educador entenda sobre os conteúdos, materiais e técnicas; e fala sobre a facilidade de se trabalhar com o recurso fotográfico depois da difusão em larga escala dos aparelhos de captura de imagem.

No entanto, muitos educadores em Arte ainda não estabeleceram uma relação com as tecnologias suficiente para explorá-las nas atividades com os alunos.

Para ALVES (2008) “a escola não pode se furtar de incluir a fotografia em seu repertório e currículo, procurando compreender qual o idioma desse

meio e de que forma ele é incorporado pelos alunos” (p.3). Dentre as principais justificativas dadas pelos educadores para não trabalhar com fotografia em sala de aula, o autor cita “desconhecimento do meio e das especificidades de sua linguagem, falta de recursos, equipamentos e material de consumo” (p.3). Para superar esses obstáculos o educador precisa, respectivamente, buscar atualização sobre o uso da ferramenta, levantar junto aos estudantes a disponibilidade de equipamentos de captura de imagens e manipulação das mesmas e saber da realidade sócio-financeira de cada estudante, seguido por sugestões para superá-la, caso seja adversa. A escola, por sua vez, precisa garantir o mínimo de recursos necessários para que o educador possa desenvolver suas aulas a partir das tecnologias contemporâneas, sendo também função do educador verificar a disponibilidade de equipamentos junto à escola e aos alunos, antes da concepção e execução do plano de aula.

Outro desafio para o educador em Arte é avaliar e pontuar o resultado de uma atividade desenvolvida com os estudantes utilizando o recurso fotográfico. Muitos educadores ainda analisam unicamente a composição das fotografias capturadas pelos estudantes, deixando de lado a sua participação no processo de contemplação das imagens e da contextualização das mesmas.

ALVES (2008) defende três formas de avaliação das atividades: a primeira delas é o “uso do portfólio individual como instrumento de avaliação e recuperação dos percursos propostos [...]; montagem de exposição final na escola; avaliação final por entrevista” (p.4). O autor propõe, por exemplo, que o educador construa em sala de aula, junto aos alunos, a câmara escura, para que os mesmos possam refletir e entender melhor o processo fotográfico.

Outra forma interessante de avaliar um trabalho em fotografia é analisar, junto aos próprios adolescentes, as fotografias capturadas por eles. Para tal, o educador vai precisar de recursos tecnológicos como projetor de imagens ou sala de informática, que na maioria dos casos, precisam ser agendados com antecedência. As imagens, quando mostradas a toda a turma despertam variadas reações, seguidas de formulações verbais sobre as intenções expressivas de cada fotógrafo. Segundo ALVES (2008), ocorrem

leituras e contextualização de imagens [...] construção de narrativas verbais a partir de uma imagem fotográfica, leituras mediadas de imagens fotográficas e a *contextualização* de imagens e seus/suas autores/as, descrição formal da fotografia preferida de cada aluno ou aluna. (p.4)

A partir da participação dos alunos nesse processo e da qualidade dessa participação é que o educador pode também avaliar o trabalho desenvolvido com o recurso fotográfico.

Por fim, uma última forma de avaliar os alunos é aplicando-lhes as tradicionais provas escritas sobre a parte teórica da fotografia, como a história da fotografia, suas técnicas, iluminação e outros conhecimentos discutidos no primeiro capítulo deste texto.

3.1 O adolescente e o recurso fotográfico

A fotografia, definitivamente, faz parte do universo cultural dos adolescentes. Nos *sites* de relacionamentos não é raro encontrar fotos produzidas, algumas com notável qualidade, baseadas em influências e manifestações diversas.

Muitas dessas imagens possuem qualidade artística e, na maioria das vezes, de forma autodidata, os adolescentes aprendem a operar programas de manipulação de imagens e transformam as cores, a textura e o enquadramento das fotografias capturadas por eles ou por seus colegas. As intenções nesse caso, conforme defende ZANIN (2010), são muito mais persuasivas que documentais. Segundo a autora, as redes sociais permitem a esses indivíduos “serem” de uma forma que não conseguem ser na vida real.

O ambiente virtual [...] permite ao adolescente, além das possibilidades do fazer crer, um poder ser e um poder fazer, que o mundo real não permitiria, permite a criação de novas identidades/alteridades. Certamente essa linguagem não seria aceita nos outros ambientes sociais dos quais esses adolescentes fazem parte. (p.2194).

Nesse sentido, o ambiente virtual permite ao adolescente ainda expressar-se artisticamente na criação e edição das suas fotografias. Essa é uma das situações sobre a qual o educador pode refletir no momento em que

for elaborar seu plano de aula, tendo em vista que o adolescente tem o desejo de ser visto, na maioria das vezes, de uma forma diferente do que é na realidade.

A aproximação dos adolescentes com o recurso fotográfico é resultado da tecnologia digital, que dispensou o uso de filmes de base química, barateando assim o processo fotográfico. Conforme assinalou ZANIN (2010),

quando ainda usávamos o filme 35 mm e celular era artigo de luxo, era raro encontrar adolescentes tirando foto. O custo era alto, comprar filme, revelar, sem contar que, a máquina fotográfica era coisa de adulto. Hoje, é comum encontrar nas situações mais comuns como um passeio no shopping ou no pátio da escola adolescentes com câmeras digitais, celulares com câmeras ou mp5 registrando seu movimento individual ou de grupo (p.2185).

O uso do recurso fotográfico pelos adolescentes é visível também na escola, principalmente naquelas instituições em que os estudantes são de classes sociais favorecidas economicamente. É quase sempre possível encontrar adolescentes capturando fotos dos momentos coletivos, durante o intervalo das aulas, no pátio e até mesmo na sala de aula.

3.2 A prática do ensino de fotografia

Se o conteúdo é repetitivo e os exercícios artísticos são cansativos, é normal que os estudantes, inicialmente, não se interessem com muito afinco pelo ensino de Arte; por vários motivos, alguns já citados no segundo capítulo desse texto. O educador precisa tornar o assunto interessante já na primeira abordagem, estabelecendo uma didática que permita aos alunos se aprofundarem gradativamente no conhecimento em Arte.

O ensino de Fotografia não foge a essa regra. Nesse caso, o educador pode partir de elementos que sejam mais visuais e/ou práticos, para então debruçar-se sobre o conhecimento teórico.

Como visto anteriormente, muitos estudantes ainda não compreendem conceitos básicos da fotografia. Esta questão ficou evidente durante o trabalho de pesquisa empírica desenvolvido para a produção dessa monografia.

Em um dos questionários aplicados aos estudantes no início do trabalho, antes da construção do conhecimento em Arte, algumas frases demonstraram o desconhecimento dos alunos sobre o recurso fotográfico. Perguntados sobre “o que você sabe sobre a fotografia?”, em 31 questionários aplicados, apenas três estudantes citaram a Fotografia como uma forma de Arte Visual. Outros consideraram-na como uma lembrança de um fato ou lugar, ou simplesmente uma imagem capturada por uma máquina.

Quando o assunto é a história da fotografia, o desconhecimento entre os estudantes é ainda maior. Apenas um deles soube contar algum fato real sobre a invenção dessa ferramenta. Ele respondeu que a fotografia teria sido tirada pela primeira vez no final do século XIX, sem citar o nome de qualquer contribuinte nessa invenção. No entanto, esse mesmo estudante citou a descoberta da câmara escura durante o Renascimento.

Outra questão levantada junto aos estudantes foi sobre a frequência em que os mesmos fotografam. Dos 31 que responderam, 13 são fotógrafos frequentes; 15 fazem fotos com pouca frequência; dois raramente; e apenas um afirma nunca ter fotografado, provando a afinidade dos adolescentes com o recurso fotográfico. Um estudante chega a utilizar a frase “Eu ando sempre com uma câmera digital”, enquanto outro afirma utilizar o celular. Quatro deles afirmaram tirar foto apenas quando estão em alguma ocasião especial, por exemplo, festas ou viagens.

Nenhum dos estudantes afirmou utilizar alguma técnica fotográfica, por desconhecimento das mesmas. Além disso, conforme já defendido neste texto, poucos estudantes já tiveram experiência com câmaras que utilizam base química para a captura das imagens. Ao todo, apenas oito deles já passaram pela experiência, sendo que seis não gostaram dela. O principal inconveniente apontado pelos estudantes é que a foto, depois de capturada, não pode ser vista automaticamente, como ocorre no visor das câmaras digitais. Dois deles, inclusive, citam a expressão “revelar as fotos” como um problema.

Outro ponto abordado nas aulas de fotografia foi a iluminação. No mesmo questionário aplicado antes da transmissão do conteúdo, os estudantes demonstram pouco conhecimento sobre o assunto. Apenas quatro arriscaram responder sobre como a iluminação pode influenciar nas fotos. São respostas como “Na aparência da foto”, “Se tiver pouca luz a qualidade da imagem é

comprometida”, “A câmera demora um pouco para focalizar quando a iluminação é desregulada” e, a que se aproximou mais do conteúdo construído com eles, “A iluminação pode influenciar dependendo da sua localização”.

Depois da aplicação do primeiro questionário, foi o momento de trabalhar com os alunos a construção do conhecimento sobre a fotografia; de um lado, fornecendo-lhes informações sobre as técnicas fotográficas, a história do recurso fotográfico e outros; por outro, ouvindo deles suas experiências e dúvidas a partir do conteúdo apresentado.

Em seguida, os estudantes foram orientados a realizar um trabalho de campo, fotografando, no horário extraclasse, os patrimônios culturais tombados do município de Governador Valadares. As imagens dos patrimônios tombados foram apresentadas, assim como a sua localização na cidade e as fotografias capturadas foram discutidas e analisadas na aula seguinte. Utilizando um *notebook*, e uma apresentação em *power point*, montada anteriormente com as fotos capturadas pela classe, foi possível mostrar aos alunos o trabalho desenvolvido de uma forma geral, e ouvir deles a intenção expressiva de cada fotografia. Nesse processo, um estudante podia opinar sobre o trabalho do outro sem constrangimento, possibilitando a contemplação das fotos e uma riqueza de descrições subjetivas sobre as mesmas.



Figura 1. Fachada da Igreja Presbiteriana. Capturada por alunos.

Outro questionário foi então aplicado aos alunos. A primeira pergunta foi: “como foi a sua experiência ao fotografar o patrimônio escolhido?”. As respostas que se destacaram, do ponto de vista do ensino de Arte, foram: “senti que estava adquirindo conhecimento”, “achei divertido e interessante, pois estava aprendendo a avaliar e observar melhor as coisas”, “senti-me como uma verdadeira fotografa”, “no primeiro momento, ficamos com vergonha, mas depois da primeira foto, conseguimos ficar desinibidas e fazer fotos legais”.

A intenção do trabalho era que os estudantes se expressassem e essa era uma das perguntas do questionário. Alguns falaram apenas em transmitir beleza através da imagem, outros em mostrar a história do lugar fotografado. Alguns foram específicos ao falar sobre a vontade de mostrar o objeto ao anoitecer ou em um dia nublado, e um estudante falou sobre o fato de ter manipulado a foto através de programas de edição de imagens.

Menos da metade dos estudantes disseram ter feito uso artístico do recurso fotográfico, deixando uma dúvida sobre a eficácia da didática utilizada para ensinar os três usos da fotografia. Foram 12 os que responderam utilizá-la artisticamente. “Adotamos valores estéticos de composição”, foi uma das justificativas usadas; “foi para um trabalho de Arte”, justificou outro. Um dos estudantes comparou suas fotos com “montagens”, tentando explicar o fato da imagem ter obtido uma grande excelência estética.

Sobre os enquadramentos, os estudantes mostraram suas intenções expressivas. Alguns deles afirmaram querer mostrar o patrimônio inteiro, outros quiseram incorporar ao enquadramento elementos próximos ao objeto, como um rio; já outros se preocuparam também com o fundo da fotografia, ou seja, o que estava atrás do patrimônio. Uma frase que chamou a atenção foi a de um aluno que disse querer mostrar o objeto de uma forma que passava despercebido pela maioria das pessoas. “Até em dia nublado a Ibituruna⁴ é incrível”, afirmou um estudante.

⁴ O Pico da Ibituruna, ou a Ibituruna, é uma pedra localizada na cidade de Governador Valadares. Com 1.123m de altitude acima do nível do mar e 990 metros em relação ao nível do Rio Doce. Possui as melhores térmicas do mundo e se consagra como cenário nacional e internacional na prática do vôo livre. O monumento é tombado pelo município e também pelo Estado de Minas Gerais.



Figura 2. A Ibituruna. Capturada por alunos.

Outra pergunta feita foi: “alguma coisa chamou sua atenção durante o trabalho?”. Entre as respostas, “sim, os contrastes do patrimônio”, “as nuvens ficaram muito bem perto da Ibituruna”, “um cara e um carro que passava na hora que eu tirei a foto” e “quando a lua cheia surge dá um efeito diferente”. As respostas confirmaram as intenções expressivas dos estudantes na hora de capturarem as imagens, ampliando o olhar dos mesmos.

Sobre o conhecimento teórico construído durante as aulas, foi questionado aos alunos o que eles haviam aprendido sobre a fotografia. A maioria se limitou a falar sobre técnicas (enquadramento, iluminação, angulação e textura), no entanto, alguns se disseram impressionados com as câmaras antigas (depois de ter-lhes sido mostrado uma câmara escura) e outros gostaram da história da fotografia. Um aluno disse que aprendeu que “tirar fotos é mais divertido do que simplesmente admirar fotos tiradas por outras pessoas”.

Por fim, a última pergunta foi sobre a forma com que os estudantes pretendiam utilizar o recurso fotográfico a partir dos novos conhecimentos. Poucos responderam. Um citou o uso de técnicas e outros dois disseram que

pretendiam apenas utilizar as fotos para postar no *site* de relacionamentos *Orkut*.

3.3 Ensino de Arte e interdisciplinaridade

Em uma aula de Arte a construção do conhecimento em fotografia é o foco do trabalho quando se utiliza o recurso fotográfico. No entanto, é perfeitamente viável associar o ensino de Arte com outras áreas de conhecimento, sem privilegiá-las, com o objetivo de facilitar o aprendizado em ambas as disciplinas envolvidas. No caso da pesquisa empírica realizada nesse trabalho, o ensino da Fotografia foi associado ao conhecimento sobre os patrimônios culturais tombados de Governador Valadares, com o objetivo de ampliar as informações dos estudantes sobre os monumentos que guardam a história da cidade, e por isso precisam ser preservados.

GUIMARÃES (2008) explica que, em Governador Valadares, pelo fato da emancipação da cidade ser recente, seus moradores consideram que não há muito o que se preservar em termos de história. No entanto, a autora defende que essa despreocupação com a preservação do patrimônio, principalmente relacionado às questões urbanas, pode levar a cidade a um desenvolvimento não sustentável com relação à preservação da cultura local.

Governador Valadares, apesar das suas origens remontarem ao século 19, no imaginário de grande parte da população, é considerada uma cidade novíssima, “nascida” em 1938, a partir do Decreto de Benedito Valadares, então Governador do Estado de Minas Gerais. Assim, para grande parte de seus moradores, não há a questão do patrimônio cultural, pois não há, ainda consolidada, a questão da perda. O passado ainda não está distante e as mudanças não são sentidas como perda, mas como instauração do progresso. (p. 42).



Figura 3. Vista parcial de Governador Valadares. Fonte: Diário do Rio Doce.

Para entender a importância da preservação do patrimônio cultural da cidade devemos buscar a definição de patrimônio. SOUZA, de uma forma generalista, classifica patrimônio como aquilo que um pai deixa como herança para seus filhos, sempre ligado culturalmente ao passado. Para o autor, existem dois tipos de patrimônios: os materiais (construções, esculturas, obras de arte, entre outras); e os imateriais, que englobam as manifestações culturais de um povo (festas, gastronomia, religião, e outras).

Desse ponto de vista, podemos afirmar que os patrimônios culturais tombados de Governador Valadares estão todos na categoria de patrimônio material. São eles, o Antigo Templo Presbiteriano, o Complexo da Santa, a Companhia Açucareira do Rio Doce, a Fachada da Antiga Cadeia Pública, a Fachada da Antiga Sede dos Correios e Telégrafos; o Pico da Ibituruna, a Argola de Amarrar Solípedes, a Cadeira do Júri, a Maria Fumaça e o Painel Cubista do Edifício Helena Soares⁵.

⁵ Faz parte dos antigos painéis monumentais que se utilizava em Governador Valadares para enfeitar a entrada de alguns edifícios, sendo o único exemplar existente daquela época. De acordo com informações da Prefeitura, o painel, em estilo cubista-modernista, retrata os ciclos econômicos da pecuária e das pedras preciosas, além do Pico da Ibituruna. A pintura não tem autor identificado, pois o artista não o assinou e acredita-se que já tenha falecido.



Figura 4. Açucareira. Fonte: Cristiana Maria de Oliveira Guimarães

Sabendo-se que a educação é capaz de formar um cidadão consciente e atuante na sociedade, incentivar os estudantes a fotografarem os patrimônios culturais da cidade na qual vivem traduz-se num incentivo à ampliação do olhar e do conhecimento dos mesmos sobre o passado da cidade, suas belezas culturais, para um possível ativismo em favor da preservação dos mesmos, uma vez que, segundo GUIMARÃES (2008), nenhum dos bens tombados até hoje no município tiveram como solicitação a iniciativa popular. Todos foram tombados pelo Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural (CDPC), órgão fundado em 1999, por orientação legal.

Os idealizadores da preservação do patrimônio em Governador Valadares não conseguiram sensibilizar a sociedade, que, ao que parece, não aderiu ao projeto de preservação do patrimônio como um todo, nem, tampouco, compreendem o urbano com de todos. (p.49)

Talvez, uma prova disso, seja o fato de que em 2010, numa atitude de vandalismo, alguns indivíduos atearam fogo contra a Maria Fumaça⁶, que fica localizada na Praça da Estação Ferroviária, no Centro de Governador Valadares.



Figura 5. Maria Fumaça. Fonte: Diário do Rio Doce.

⁶ A Maria Fumaça é uma locomotiva que carrega parte da história de Valadares. Durante 18 anos (1925-1943) ela auxiliou no transporte de materiais entre Valadares e Belo Horizonte, na linha férrea Vitória-Minas.

Conclusão

A pesquisa discutiu o uso do recurso fotográfico no ensino de Arte, especificamente para adolescentes que estudam no ensino médio em escolas públicas. A fotografia foi encarada na pesquisa como uma expressão artística e não um mero recurso de documentação do presente.

Através do trabalho se conclui que o público adolescente tem intimidade com as câmaras fotográficas e, por diversas vezes, fazem o uso artístico da imagem fotográfica; no entanto, não têm um direcionamento técnico ou conhecimentos sobre trabalhos desenvolvidos e a história da fotografia, sendo, portanto função do educador auxiliar os estudantes na apreciação, contextualização e fruição artística através da fotografia.

Concluiu-se ainda que o ensino de Arte no Brasil está longe de ser o ideal, seja por motivos técnicos e logísticos, capacitação dos educadores ou mesmo de interesse por parte dos estudantes. O trabalho mostrou alguns caminhos para se contornar essas dificuldades nas instituições públicas de ensino.

Foi ainda objetivo desta monografia abordar a interdisciplinaridade no ensino de Arte, trabalhando com os estudantes conhecimentos sobre o patrimônio cultural do município de Governador Valadares e fotografando-o durante a execução do plano de aula. O resultado obtido com o patrimônio pode ser também obtido ao se utilizar outras disciplinas do ensino ou objetos de significância estética, sob os mais diversos temas.

O trabalho empírico desenvolvido com os estudantes mostrou que, para eles, encarar a fotografia como expressão artística, na maioria das vezes, não é tarefa fácil, pois a maior parte da turma ainda considerava a fotografia apenas como recurso documental. No entanto, utilizando trabalhos de fotógrafos já conhecidos, e algumas informações teóricas sobre o recurso fotográfico, como seus diversos tipos de usos, foi possível fazer com que os estudantes entendessem a possibilidade de expressão através das câmaras fotográficas.

Ao fotografarem os patrimônios culturais de Governador Valadares, os estudantes passaram a conhecê-los melhor, valorizando-os. Durante o trabalho de campo, os alunos conseguiram perceber os outros elementos em torno dos

monumentos culturais, e o seu efeito ao incorporá-los no enquadramento da câmara. São elementos como carros, nuvens, rios e estradas, que foram incluídos em algumas fotografias e posteriormente elogiados pelos estudantes nos questionários aplicados.

O conhecimento aqui construído é relevante para o ensino de Arte por apontar algumas dificuldades relacionadas a esse ensino, e especificamente ao ensino de Fotografia, e mostrar alguns caminhos para que essas dificuldades possam ser amenizadas ou sanadas.

Por se tratar de um assunto complexo, a pesquisa poderá ser estendida posteriormente, levando-se em conta os diversos assuntos interligados, divididos nos capítulos: Fotografia, ensino de Arte e ensino de Fotografia. Uma das possibilidades para o desenvolvimento do trabalho é pesquisar sobre a maneira com que adolescentes já habituados a utilizarem o recurso fotográfico recebem os conhecimentos históricos, conceituais e técnicos sobre o uso da fotografia. A pesquisa poderá focar o interesse ou desinteresse dos estudantes sobre o assunto, tentando explicar as razões de um maior ou menor interesse, testando e indicando alternativas para os professores usarem com os alunos buscando a construção de conhecimento em Arte.

REFERÊNCIAS

ALVES, Jefferson Fernandes. *Fotografia e educação: alguns olhares do saber e do fazer*. Natal (RN), 2008. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0259-1.pdf>.

Acesso em 05/08/2011.

ANGELO SALA (2009). Disponível em: <<http://7c1histfoto.wetpaint.com/page/Angelo+Sala>>. Acesso em: 20 de junho de 2011.

BENTES, Duda; et all. *Fotografia e Educação: Alguns Olhares do Saber e do Fazer*. Jefferson Fernandes Alves (Coordenação). Natal (RN). Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0259-1.pdf>

Acesso em: 16 de maio. de 2011.

BENS HISTÓRICOS TOMBADOS PELO MUNICÍPIO DE GOVERNADOR VALADARES. Disponível em: http://www.4shared.com/document/wV7M9vbx/Bens_Historicos_Tombados_2.html. Acesso em: 27/07/2011.

COELHO, Luis; et all. *Tecnologias Contemporâneas: Introdução ao estudo das técnicas e da estética da fotografia e de sua relação com o ensino da arte*. In: Curso de Especialização em ensino de artes visuais 2 / Lúcia Gouvêa Pimentel (Organizadora). Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, p. 17-41, 2009.

FRONER, Yacy-Ara. *Pesquisa em/sobre ensino de Artes Visuais*. In: Curso de Especialização em ensino de artes visuais 2 / Lúcia Gouvêa Pimentel (Organizadora). Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, p. 68-87, 2009.

GOUTHIER, Juliana. *História do ensino de arte no Brasil*. In: In: Curso de Especialização em ensino de artes visuais 2 / Lúcia Gouvêa Pimentel (Organizadora). Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, p. 22-35, 2009.

GUIMARÃES, Cristiana; *O patrimônio cultural de Governador Valadares (MG): algumas reflexões*. Revista CPC, São Paulo, n.5, p. 37-52, nov. 2007/abril 2008. Disponível em: <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/cpc/n5/a04n5.pdf>. Acesso em: 20/05/2011.

LOYOLA, Geraldo. *Abordagens sobre o material didático no ensino de Artes Visuais*. In: Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais (CEEAV). Escola de Belas Artes (EBA). Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Belo Horizonte, 2011.

MARTINS, Fernando. *Fotografia: com ênfase em imagem digital*. 2007. Disponível em: <http://www.hspro.com.br/cortesia/apostila%20fotografia.pdf> Acesso em: 23 de ago. de 2010.

PICTORIALISMO, (2005). Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=3890>. Acesso em: 30 de maio de 2011.

SILVA, Renata Alves. *Fotografia no Ensino de Arte: Possibilidade de aplicação da fotografia como manifestação artística no ensino/aprendizagem em arte*.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. *Metodologias do ensino de artes visuais*. In: Curso de Especialização em ensino de artes visuais 2 / Lúcia Gouvêa Pimentel (Organizadora). Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, p. 22-35, 2009.

PIMENTEL, Lucia. *O Ensino de Arte e sua pesquisa: possibilidades e desafios*. Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais. Belo Horizonte, 2006.

PONTOS TURÍSTICOS. Disponível em http://www.valadares.mg.gov.br/current/fotos_da_cidade/pontos_turisticos. Acesso em: 27/07/2011.

RIZZI, Maria Christina de Souza Lima. *Reflexões sobre a Abordagem Triangular do Ensino da Arte*. In: Ensino da arte memória e história. Ana Mae Barbosa (org.) - São Paulo: Perspectiva, 2008.

SEMANA DE ARTE MODERNA. Disponível em <http://www.itaucultural.org.br/aplicExternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=marcos_texto&cd_verbete=344&cd_idioma=28555&cd_item=10>. Acesso em 22 de junho de 2011.

SILVA, Renata Alves. *Fotografia no Ensino de Arte: Possibilidade de aplicação da fotografia como manifestação artística no ensino/aprendizagem em arte*. Monografia. Curso de Especialização em Ensino e Artes Visuais (CEEAV). Escola de Belas Artes (EBA). Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Belo Horizonte, 2010.

SOUZA, Rainer. *Patrimônio Histórico Cultural*. Disponível em: <http://www.brasilecola.com/curiosidades/patrimonio-historico-cultural.htm>. Acesso em: 16/07/2011.

ZANIN, Larissa Fabrício. *Regimes de visibilidade na fotografia adolescente*. Disponível em: http://www.anpap.org.br/anais/2010/pdf/ceav/larissa_fabricio_zanin.pdf Acesso em: 24 de mar. de 2011.

Anexos

ANEXO A – Compilação dos dados da pesquisa empírica

Pesquisa empírica

(principais dados)

Questionário I

1 – O que você sabe sobre fotografia?

- ✓ É uma arte visual usada para registrar momentos.
- ✓ Usamos a fotografia para relatar uma lembrança, um fato, um lugar etc
- ✓ Fotografia é uma câmara utilizada para tirar fotos, onde você vai ter a lembrança daquele momento, compartilhando, porque o tempo não volta atrás, só mesmo através de fotos para recordar.
- ✓ É uma técnica de projetar fotogramas (quadros) de forma rápida e sucessiva para criar a impressão de movimento.
- ✓ Para mim, a fotografia serve para você registrar momentos com as pessoas e tirar fotos de coisas e lugares.
- ✓ É uma Arte Visual usada para registrar momentos da vida pessoal ou carreira.
- ✓ É uma imagem de alguma coisa ou pessoa.
- ✓ Uma arte visual para registrar momentos.
- ✓ Eu sei que é bonito as cores das fotos.
- ✓ É uma imagem tirada através da máquina fotográfica.

2 – O que você sabe sobre a história da fotografia?

- ✓ Acho que a fotografia foi tirada pela primeira vez no final do século XIX. Não conheço os inventores. Ouvi falar num documentário que na época de Leonardo da Vinci se usava uma técnica bem eficiente para tirar fotos, algo parecido com um quarto escuro.

3 – Com qual frequência você costuma fotografar?

- ✓ Em festas ou a toa mesmo.
- ✓ É muito raro.
- ✓ Praticamente toda semana.
- ✓ Eu costumo fotografar muito. Sempre ando com uma câmera digital.
- ✓ Sempre.
- ✓ Às vezes.
- ✓ Às vezes.
- ✓ Às vezes.
- ✓ Sempre.
- ✓ Às vezes.
- ✓ Quando vou a lugares bonitos no Rio de Janeiro.
- ✓ De vez em quando, quando eu vou a algum evento ou qualquer outro lugar.
- ✓ Quase sempre.
- ✓ Eu tiro foto com o celular com frequência.
- ✓ Às vezes.

- ✓ Às vezes.
- ✓ Sempre.
- ✓ De vez em quando
- ✓ Tiro mais quando vou a eventos especiais, quando saio com os amigos, família ou em casa mesmo, sozinha.
- ✓ Quase sempre.
- ✓ Eu costumo fotografar em algum momento especial.
- ✓ De vez em quando.
- ✓ Com muita freqüência.
- ✓ Nunca.
- ✓ Muito pouca freqüência.
- ✓ Sempre com o celular.
- ✓ Não muita.
- ✓ Frequentemente.
- ✓ Pouca freqüência
- ✓ Sempre.

4 – Você sabe alguma técnica fotográfica?

- ✓ Não balançar as mãos.

5 – Você já utilizou máquinas analógicas?

- ✓ Sim. Já utilizei. Meu pai é fotógrafo há muito tempo, e antigamente ele utilizava câmera analógica. Apesar de gostar mais da câmera digital, eu gostei muito da qualidade das fotos da câmera analógica.
- ✓ Sim, achei um pouco ruim, pois não dá pra saber como a foto ficou.
- ✓ Sim. Normal. O ruim é que só podemos ver as fotos depois de revelá-las.
- ✓ Já, bastante ruim.
- ✓ Já utilizei câmera analógica, mas é totalmente diferente de uma câmera digital, pois você não pode ver a foto depois de tirar. Só revelando pra ver.
- ✓ Já usei sim, mas não gostei. Não dá pra ver as fotos.
- ✓ Já usei, mas a experiência não foi muito boa, porque na maioria das vezes a foto saía errada.
- ✓ Minha mãe já teve uma, mas nunca utilizei.
- ✓ Já utilizei. Ela é um pouco diferente pelo fato de não ter visor, mas foi bom.

6 – Como você acha que a luz pode influenciar na fotografia?

- ✓ Na aparência da foto, porque uma vez aconteceu comigo. A claridade influenciou e a foto ficou azul.
- ✓ Se tiver pouca luz a qualidade da imagem é comprometida.
- ✓ A câmera demora um pouco para focar quando a iluminação é desregulada.
- ✓ Pode influenciar muito, dependendo da localização pode melhorar ou piorar a foto.

8 – O que você gostaria de fotografar em Valadares?

- ✓ A Ibituruna.
- ✓ A Ibituruna, de um ângulo em que pudesse ver o Rio Doce e alguns *paragliders*, desfocando um pouco o rio e realçando mais a Ibituruna.

- ✓ O pôr-do-sol na Ibituruna com um *paraglider* descendo naquele tom alaranjado.
- ✓ O pico da Ibituruna no final de uma tarde. A foto apareceria a metade da Ibituruna com o pôr-do-sol em destaque.
- ✓ O Pico da Ibituruna
- ✓ O pico da Ibituruna.
- ✓ Ibituruna.
- ✓ A Ibituruna.
- ✓ Lugares na Ibituruna.
- ✓ A pedra da Ibituruna.
- ✓ Pico da Ibituruna.
- ✓ Só a Ibituruna, seria uma foto em preto e branco como num cartão postal.
- ✓ A Ibituruna.
- ✓ O pico da Ibituruna.
- ✓ Ibituruna e a Açucareira.
- ✓ A Ibituruna de um ângulo frontal.
- ✓ O pico da Ibituruna.
- ✓ A Ibituruna.
- ✓ A Ibituruna.
- ✓ Imagem do meio da Ibituruna.
- ✓ O pico da Ibituruna.
- ✓ Seria com uma sacadinha na Ilha dos Araújos. Colocaria uma pessoa lá e pegaria a Ibituruna com um pedaço do rio.

9 – Você conhece algum patrimônio tombado de Valadares?

- ✓ Ibituruna e Açucareira.
- ✓ Açucareira.
- ✓ Açucareira e Museu.
- ✓ Açucareira.
- ✓ A Ibituruna.
- ✓ Açucareira
- ✓ A Ibituruna e a Açucareira.
- ✓ Açucareira, Museu, Teatro Atiaia.
- ✓ Açucareira o museu.
- ✓ A Maria Fumaça.
- ✓ Açucareira.
- ✓ A Ibituruna.
- ✓ Ibituruna, Rio Doce, Açucareira.
- ✓ Ibituruna.
- ✓ Igreja (Primeira Igreja Presbiteriana), próxima à minha casa, é tombada.
- ✓ Açucareira, Ibituruna e Rio Doce.
- ✓ Açucareira, Pico da Ibituruna.
- ✓ Açucareira e Ibituruna.

Questionário II

1 – Como foi a sua experiência ao fotografar o patrimônio escolhido?

- ✓ No primeiro momento, ficamos com vergonha, mas depois da primeira foto, conseguimos ficar desinibidas e fazer umas fotos legais.
- ✓ Foi boa. Senti que estava adquirindo conhecimento.
- ✓ Foi divertido, pois conheci a antiga capela da Primeira Igreja Presbiteriana, que fica bem próxima à minha casa e eu passo por ela várias vezes, mas nunca havia entrado nesta igreja.
- ✓ A experiência bem diferente, pois nunca fotografei um patrimônio antes. Senti-me como uma verdadeira fotógrafa.
- ✓ Foi incrível, pois nunca tinha fotografado antes uma coisa ao incrível.
- ✓ Eu achei muito legal, pois adoro fotografar e acho que esse é o meu mundo.
- ✓ Foi muito legal. Achei divertido e interessante, pois estava aprendendo a avaliar e observar melhor as coisas.

2 - Quais as impressões você quis passar com suas fotografias?

- ✓ Eu quis passar a beleza da Ibituruna.
- ✓ Eu quis passar a Ibituruna de uma forma que mostra sua grandeza e beleza durante o dia e ao anoitecer.
- ✓ O nascer do dia nublado. Era nublado com foco é normal.
- ✓ Após tirar essa foto, ela foi editada. Acrescentei um pouco de luz contra a Ibituruna e depois um pouco de brilho.
- ✓ A beleza do lugar antigo e muito calmo.
- ✓ De quão velha ela é, mas ainda é bonita.
- ✓ Quis mostrar que a igreja é muito bonita e organizada. É mantida em ótimo estado de conservação.
- ✓ Quis mostrar a história do lugar.
- ✓ Quis passar a história do lugar.

3 – Qual o uso você fez da fotografia?

- ✓ Profissional
- ✓ Artístico, porque tem enquadramentos, temas e visualidade estabelecida pela pintura.
- ✓ Doméstico e artístico.
- ✓ Artístico.
- ✓ Artístico.
- ✓ Fizemos o uso artístico da fotografia, porque adotamos valores estéticos de composição.
- ✓ Artístico, porque adotamos...
- ✓ Profissional, pois acho mais bonito.
- ✓ Artístico, porque foi para o museu da escola.
- ✓ Artístico.
- ✓ Profissional.
- ✓ Doméstico.
- ✓ Foi um mix, porque algumas parecem montagens e outras são normais.
- ✓ Doméstico, pois mostra que eu tirei uma foto por prazer.
- ✓ Doméstico.
- ✓ Doméstico.
- ✓ Profissional
- ✓ Artístico. Foi para um trabalho de artes.
- ✓ Artístico. Porque a imagem traz enquadramento e fotografia mais sofisticados.
- ✓ Profissional, por causa da beleza.

- ✓ Profissional, por causa da beleza.

4 – Fale um pouco sobre os enquadramentos dados às suas fotografias.

- ✓ Procuramos um ângulo que mostrasse o patrimônio inteiro.
- ✓ Enquadramento geral. Quis mostrar o conteúdo completo.
- ✓ Mostrar uma paisagem diferente.
- ✓ Tentei enquadrá-lo de um modo diferente, que passa meio despercebido por alguns.
- ✓ Que até no dia fechado a Ibituruna é incrível.
- ✓ Eu quis mostrar a beleza da Ibituruna com o Rio Doce.
- ✓ Eu quis mostrar as belezas e tudo o que tinha em volta.
- ✓ Queria mostrar o tamanho da Açucareira, largura e a paisagem do dia atrás.
- ✓ Mostrar o patrimônio com toda a sua exuberância.
- ✓ O tipo de enquadramento foi o geral, quis mostrar todo o conteúdo do patrimônio.
- ✓ Idem.

6 – Alguma coisa chamou sua atenção durante o trabalho?

- ✓ Que tirar foto do lado que der para pegar o objeto todo fica bem melhor.
- ✓ Sim, os contrastes, os detalhes desse patrimônio.
- ✓ As nuvens ficaram muito bem perto da Ibituruna.
- ✓ Sim, que tem mais valor quando você se interessa.
- ✓ Como a fachada dos correios está sem cuidado.
- ✓ Eu vi que a luz a favor ou contra a imagem faz diferença sim.
- ✓ Um cara e um carro que passava na hora que eu tirei a foto.
- ✓ Sim. Quando a lua cheia surge dá um efeito diferente que passa meio despercebido por alguns.

7 – O que você conseguiu ver no patrimônio escolhido que você não via ante?

- ✓ A expressão antiga e tudo.
- ✓ A entrada, e consegui reparar também com fotos antigas a diferença do lugar.
- ✓ Que quando o sol bate na Ibituruna, a pedra aparece mais.

8 - O que você aprendeu com as aulas de fotografia?

- ✓ A que mais me marcou foi como as câmeras antigas eram.
- ✓ Principalmente as técnicas.
- ✓ Eu aprendi que foto é importante.
- ✓ Os jeitos de se tirar foto, sobre luz, textura e sobre a história da fotografia.
- ✓ As posições, a forma, o momento de tirar as fotos, de como é importante. E a história da fotografia.
- ✓ Aprendi que tirar fotos é mais divertido do que simplesmente admirar fotos tiradas por outras pessoas.
- ✓ Eu gostei de aprender algumas técnicas para fotografar.
- ✓ Aprendi um pouco sobre a luz, enquadramento, ângulos, etc.
- ✓ Que a beleza da foto depende do enquadramento e da luz para ficar boa.

9 – Como você pretende utilizar a fotografia a partir de agora?

- ✓ Para colocar no Orkut.
- ✓ Como um uso pessoal
- ✓ Pretendo usar com técnicas, reparando os ângulos de abordagem e enquadramento.
- ✓ Como eu sempre usei, para Orkut.

ANEXO B - Fotografias do trabalho desenvolvido em sala de aula.



Os estudantes respondendo ao primeiro questionário.



Apresentação das fotos aos estudantes.

ANEXO C – Plano de aula com o conteúdo sobre a fotografia.

Fotografia

por Douglas Santiago

douglas.imprensa@yahoo.com.br

A maioria de nós se depara quase todos os dias com algo relacionado à fotografia. É só acessar a Internet e ela está lá, publicada nas redes sociais, como *orkut*, *facebook*, bloguís, ou nos outdoors espalhados pela cidade. Mas poucos conhecem o processo que está por traz da produção de uma fotografia. O percurso histórico da criação dessa ferramenta, até se chegar à fotografia digital, tão prática quanto a conhecemos atualmente.

Existem diversos fatores que interferem no processo fotográfico e que são partes indissociáveis dele. Existem ainda várias formas de se fotografar, vários olhares sobre a prática fotográfica, que variam de acordo com o objetivo pretendido pelo fotógrafo.

O que você sabe sobre a história da fotografia?

Na **Antiguidade** já se conhecia o princípio básico da formação de imagens que daria origem à fotografia futuramente. Ou seja, se sabia que as imagens poderiam ser produzidas pela passagem da luz por um pequeno orifício. Esse é o princípio básico da fotografia até hoje, não importa a câmera que você utilize.

- A imagem projetada por esses dispositivos é sempre invertida e revertida lateralmente;
- Na **Renascença** artistas passaram a colocar lentes nesses orifícios por onde passavam a luz, para melhorarem a imagem, além de espelhos para fazerem a inversão da imagem; fizeram ainda as câmeras portáteis, para fazerem seus desenhos e pinturas;
- Em **1604**, **Ângelo Sala** (italiano) descobriu um material fotossensível, ou seja, que conseguia registrar a imagem formada na caixa preta; mas o material não podia ser retirado da caixa preta, pois escurecia-se totalmente, desfazendo a imagem;

Século XVIII e XIX

- **Revolução Francesa e Revolução Industrial** – Possibilidade de multiplicação das imagens, redução dos custos;

1800 a 1840

- **Willian Henry Fox Talbot** (ingles) – criou uma matriz para reprodução em larga escala das imagens (**1839**);

- **Joseph Nicéphore Niépce** – utilizou betume de Judéia (uma substância asfáltica) para registrar imagens. A substância endurecia quando exposta à luz. Usando uma máscara, ele criou o negativo. Para tornar as placas permanentes ele as emergia em óleos que agiam como solventes. Em **1826**, ele inseriu uma de suas placas dentro da câmara escura e foi a primeira pessoa a fixar uma imagem formada pela ação da luz. Imagem não muito nítida.

- **Louis Jacques Mande Daguerre** (francês) – **1837** – resolveu o problema da nitidez, pois utilizou uma placa de cobre polida, sob cuja superfície a imagem é produzida pela formação de uma mistura de prata e mercúrio. Problemas: muito frágil e não possível de reprodução.

- **1837 – Talbot** – utiliza papel sensibilizado com sais de prata. Utilizava as sombras dos objetos (árvores, casas) para criar negativos;

1941 – Talbot – utilizou o papel sensibilizado numa câmara escura. Formou o negativo, que era então montado sobre outra folha de papel sensibilizado, exposto à luz do sol, e conseguia-se então a imagem em positivo. Foi o primeiro a utilizar o termo matriz. Problema: fibras de papel no calótipo comprometia a definição das imagens;

- **Hercules Florence** (brasileiro) – Foi o primeiro a empregar a palavra fotografia (escrita com luz). Em 1833, ele produz imagens pela ação da luz utilizando papel sensibilizado com nitrato de prata e fixado com compostos ricos em amônia, como a urina.

- **1839 – John Herschel** – utilizou vidros como suporte para a formação dos negativos;

- **1850 – Frederick Archer** utiliza a técnica de **colódio em placas úmidas**. Placas de vidro eram expostas à imagem projetada logo após serem recobertas pela emulsão sensível, antes que secasse; era necessário revelá-las ainda úmidas;

- **1878** – surgem as primeiras chapas de vidro usando brometo de prata emulsionado em gelatina. Vantagens: rapidez no processo e aumento no número dos fotógrafos;

- Aparecimento do filme flexível, na forma de rolos de papel revestidos com uma fina camada de gelatina.

- **1888 – George Eastman** revolucionou a fotografia lançando a primeira câmara kodak e tornando-a acessível ao mercado (com 100 exposições, que eram reveladas na fábrica) – Slogan: “você aperta o botão, nós fazemos o resto”;

- Criação de novas câmeras, menores e mais leves, deslocando as câmeras do estúdio para as ruas; sendo possível documentar a vida social;

- **1890** – Aparecimento de sistemas de impressão gráfica de imagens utilizando o processo meio-tom. A fotografia passa a ser utilizada diariamente em livros, revistas, jornais, em larga escala.

- **1925** – surgem as primeiras câmeras usando filmes no formato 35 mm: qualidade e agilidade (fotos em seqüência rápida);

Meados do século XX

– Registro de imagens em cores em escala comercial; primeiros processos foram ainda experimentados no século XIX. **1935** – introdução dos filmes de transparência colorida;

- **1970** – Chegada dos sistemas automatizados nas câmaras: controle automático de exposição, avanço motorizado do filme, comando integrado do flash eletrônico, focalização automática, culminando, mais tarde, com a fotografia digital;

- **1990** – Surgimento da fotografia digital, também de sistemas de manipulação de imagens (ex-photoshop);

Virada do milênio

- A maioria das câmaras é de tecnologia digital. Surgimento de aparelhos multifuncionais (celulares, mp3, ipods). A Internet tornou-se um álbum de fotografia gigante, em escala global.

Visor e visão

- Existem muitas semelhanças entre a visão e uma câmara.

- Fotografia e visão só são possíveis pela presença da luz. As duas acontecem à distância.

- A percepção tridimensional é uma construção mental, pois tudo o que vemos está refletido em nossos olhos. A fotografia transforma a tridimensionalidade em bidimensionalidade;

- Tanto o olho quanto a mente utilizam lentes para formação da imagem. Para as câmeras chamam-se objetivas;

- **Olho humano**: lente formada pela córnea e cristalino que projetam sobre a retina, que as envia para o cérebro.

- **Câmaras** – lentes objetivas que projetam sobre uma superfície fotossensível;
- **Focalização** - A toda lente podemos associar uma distância onde se situa o plano focal no qual a nitidez da imagem é máxima. Para registrarmos na câmara uma imagem nítida de um objeto a uma determinada distância da objetiva, precisamos então fazer coincidir a posição do filme ou sensor eletrônico com a posição da imagem projetada;
- A câmara determina um pedaço da realidade que será capturado num formato retangular, diferente do olho humano, que vê a cena de uma forma ampla. É uma escolha;

Luz

- As fontes de luz podem ser naturais (sol, fogo, relâmpago, etc) ou artificiais (lâmpadas, faróis, lanternas, etc).
- A nossa percepção é modificada por três fatores: a direção dos raios luminosos, sua intensidade e cor. (Exemplo: as diferentes posições do sol durante o dia. Outro exemplo: lâmpadas incandescentes x lâmpadas fluorescentes).
- **Direção da luz**: contra-luz (silhueta escura), luz lateral (realça os volumes e texturas), superior (projeta sombras abaixo dos olhos e nariz), inferior (produz sombras pouco naturais), luz frontal (elimina volume e profundidade);
- Luz pontual (um único ponto: sombras duras, de bordas bem definidas) X Luz difusa (a luz parte de vários pontos: sombras tênues, com bordas pouco marcadas e muitos tons);
- A iluminação é um dos fatores mais importantes, com três funções: **1)** permitir ver o objeto, focalizar a imagem e gravá-la; **2)** transmitir informações sobre o objeto retratado; **3)** conferir um caráter próprio à imagem (abstrato).

A câmara

- Visor (enquadramento) + objetiva (lentes) + mecanismo de focalização (move as lentes) + obturador (regula a duração da ação da luz sobre a superfície de captura) + diafragma (regula o tamanho da abertura para a entrada da luz. Compara-se à pupila do olho). Outros: Fotômetro (mede a intensidade luminosa da cena).

A foto

- Revelação: Primeiro a imagem é capturada em negativo, depois transformada em positivo. Ambas pela ação da luz sobre a superfície fotossensível (filme e papel fotográfico, respectivamente).
- Processo: Filme é exposto à luz (sais de prata sofrem alteração mínima). Depois acontece o processo de redução química (transformação de sais de prata em prata metálica). Depois acontece o banho de interrupção (cessa a ação do revelador), depois aplica-se o fixador (remove os cristais de sais de prata não expostos). Para finalizar, lava-se o filme.
- O papel fotográfico é também revestido com emulsão fotossensível. Então projeta-se a imagem do negativo sobre o papel fotográfico, usando uma fonte luminosa, obtendo-se o positivo;

Fotografia digital

- Facilidade de captura e armazenamento das imagens, bem como sua distribuição;
- Questões estéticas e éticas: manipulação e uso da fotografia em meio eletrônico;
- Transformação de valores de brilho e cor em dados numéricos: pixels (visualização de uma matriz de pontos obtidos por amostragem da cena original);
- Fotografia capturada digitalmente X fotografia escaneada;
- Facilidade de manipulação: programas de edição.

Usos da fotografia

- Doméstico: Arquivo de fatos da vida (festas, casamentos, etc). Fotografias de famílias reunidas. Com o tempo, diminui a prática de impressão no papel. Aumenta a propagação pela Internet.
- Profissional: Toda atividade profissional que envolva meios de comunicação por via impressa ou eletrônica, de alguma maneira irá utilizar a fotografia. Jornalismo é um dos pioneiro. Medicina documenta doenças, faz raio-x, diagnósticos. Publicidade. Acervos de documentos históricos, Nos estudos sociais registra-se a aparência das populações. Estudos ambientais. No mapeamento topográfico. Nas fotos de satélites. Na engenharia de trânsito. Câmaras de segurança. Nas fotos de microscópios, telescópios e muitos outros.
- Artístico: Adota valores estéticos de composição, enquadramento, temas e visualidade estabelecidos pela pintura. Alguns fotógrafos buscam novos ângulos de visão e novas relações formais dentro do retângulo fotográfico. Investigar técnicas, criando montagens, solarizações e fotogramas sofisticados.

Edição

- Como as fotos serão organizadas em seu conjunto para criar contextos que trarão sentidos mais amplos do que aquele contido em cada foto separadamente?
- Editar imagens é organizar conjuntos de acordo com alguma demanda de comunicação.
- A seqüência de apresentação, o tamanho relativo entre as fotos e as características formais e estéticas de cada foto. A relação entre os assuntos retratados e da imagem com seu texto-legenda, títulos e subtítulos.

ANEXO D - Plano de aula com o conteúdo sobre o patrimônio cultural de Governador Valadares.

Patrimônios históricos de Valadares

Por DOUGLAS SANTIAGO
douglas.imprensa@yahoo.com.br

Governador Valadares tem uma história recente. A cidade, em 2011, completou 73 anos, portanto, diferente de outras cidades mineiras, como Ouro Preto, Tiradentes e São João Del Rei, que tem mais de 400 anos de existência, Valadares é ainda uma “criança”, construindo aos poucos sua história. Mas para não perder sua memória ao longo do tempo, a cidade criou mecanismos para a preservação de seus bens históricos e culturais. Você vai conhecer um pouco sobre a história desses monumentos nessa aula.

Os patrimônios históricos de Valadares foram tombados entre os anos 2001 e 2004, após um trabalho de análise realizado pelo Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural do Município (CDPC), criado em 2001. A política de Preservação de Patrimônios Históricos se deu através da implementação da Lei Municipal 4646/99, que garantiu o tombamento de diversos bens e, por conseguinte, sua preservação para a posteridade.

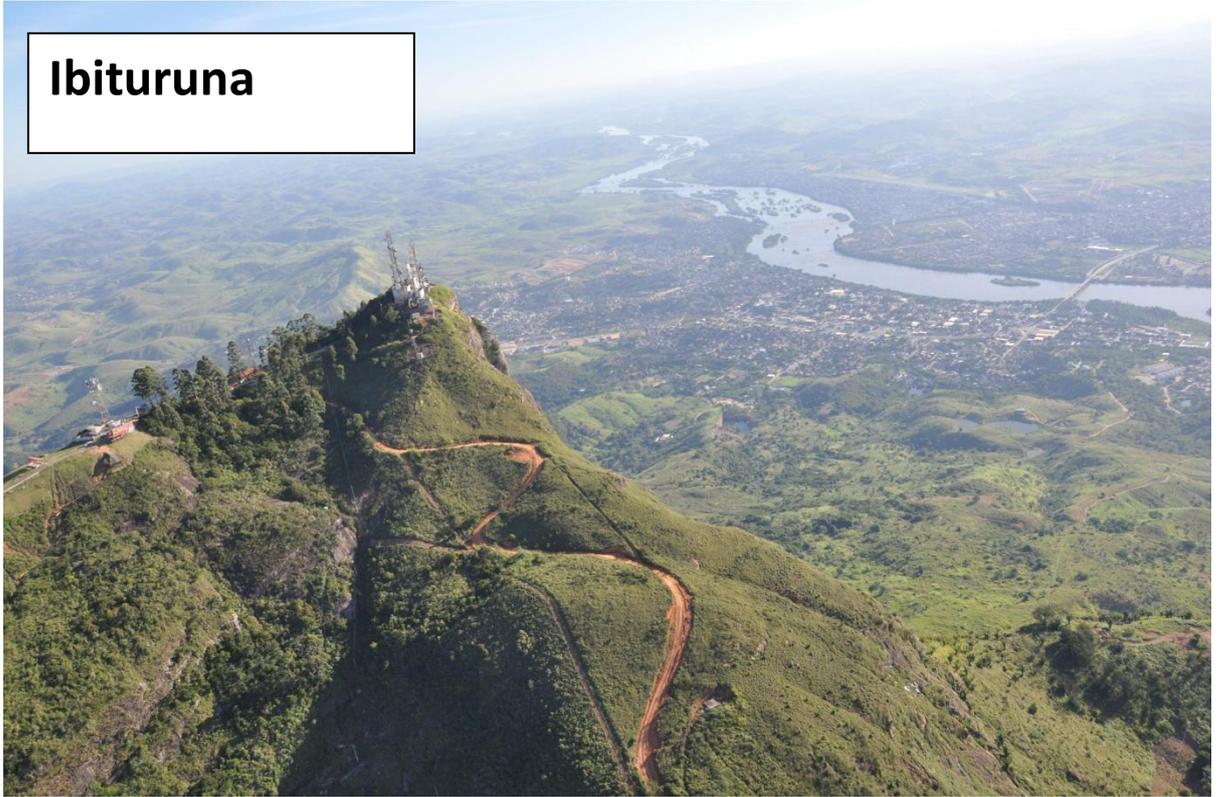
Atualmente, são patrimônios tombados da cidade:

- 1 - Açucareira;
- 2 - Maria-Fumaça (Praça da Estação);
- 3 - complexo da Ibituruna (Santa e Capela-pedestal);
- 4 - Pico da Ibituruna (ratificação de Tombamento Estadual);
- 5 - fachada da Antiga Sede dos Correios e Telégrafos;
- 6 - Argola de Amarrar Solípedes (raro exemplar das argolas, utilizadas para amarrar cavalos no século XIX);
- 7 - antigo Templo Presbiteriano;
- 8 - antigo mobiliário da Sala do Tribunal do Júri (localizado na Fatividade);
- 9 - Painel Cubista (Edifício Helena Soares);
- 10 - fachada Principal da Antiga Cadeia Pública (futura Biblioteca Municipal);

Confira algumas fotos:



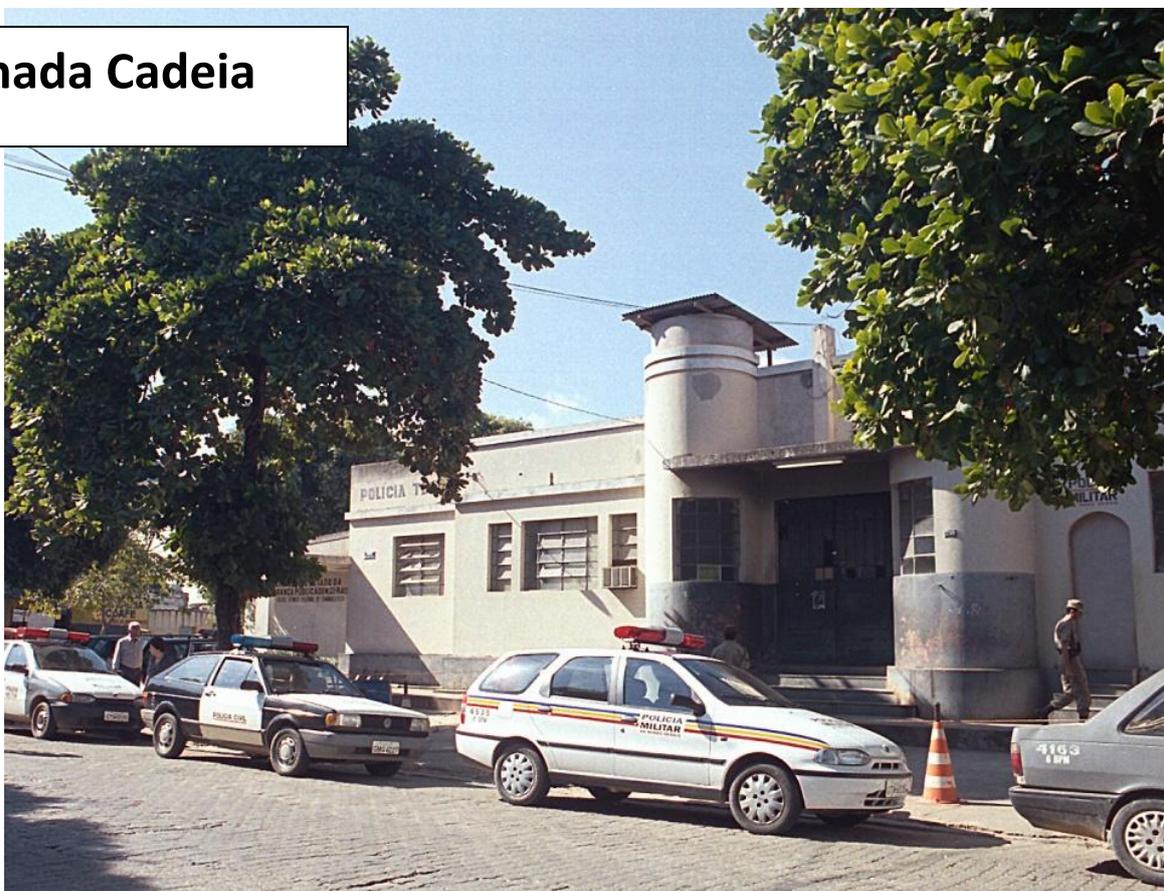
Ibituruna



**Fachada Igreja
Presbiteriana**



Fachada Cadeia



Fachada Correios



Maria Fumaça



ANEXO E – Primeiro questionário aplicado aos estudantes.

Questionário 01

Nome: _____ **Idade:** _____

Email: _____

- 1 – O que você sabe sobre fotografia?
- 2 – O que você sabe sobre a história da fotografia? Você conhece os inventores dessa ferramenta? Quem são? Quanto tempo demorou para a sua invenção?
- 3 – Com qual frequência você costuma fotografar? Qual tipo de câmera você usa (digital ou não)?
- 4 - Você sabe alguma técnica de fotografia? Qual (s)?
- 5 – Você já utilizou máquinas analógicas alguma vez ou só digitais? Se utilizou, como foi a experiência?
- 6 – Como você acha que a luz pode influenciar na fotografia? Dê exemplo?
- 7 – O que você gostaria de aprender sobre a fotografia? Por quê?
- 8 – O que você gostaria de fotografar em Valadares? Como seria essa foto (pense no enquadramento, na textura, etc)?
- 9 – O que você sabe sobre os patrimônios tombados de Valadares? Quantos são? Por quê foram tombados?
- 10 – Você já foi visitar algum deles? Qual (s)?
- 11 – Se fosse para escolher um deles para fotografar, qual seria? Por quê?
- 12 – O que você gostaria de saber sobre eles?

ANEXO F – Segundo questionário aplicado aos estudantes.

Questionário 02

Nome: _____

1 – Como foi a sua experiência ao fotografar o patrimônio escolhido? Como você se sentiu durante a atividade?

2 – Quais as impressões você quis passar com as suas fotografias? Quais as características das fotos? (iluminação, textura, etc)

3 – Qual o uso você fez da fotografia? (doméstico, artístico e profissional). Por quê?

4 – Fale um pouco sobre os enquadramentos dados às suas fotografias e o que você quis mostrar com eles:

5 – Você se inspirou no trabalho de algum fotógrafo conhecido? Qual?

6 – Alguma coisa chamou sua atenção durante o trabalho? O quê?

7 – O que você conseguiu ver no patrimônio escolhido que você não via antes?

8 – O que você aprendeu com as aulas de fotografia?

9 – Como você pretende utilizar a fotografia a partir de agora?